

## **PENSAR O PASSADO E PRODUZIR O FUTURO:** um convite para os próximos 25 anos

Catarina Dallapicula<sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
Marco José de Oliveira Duarte<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pablo Cardozo Roccon<sup>3</sup>  
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Minas)

Este número da Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH) é publicado no ano em que a Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH) completa seus 25 anos de existência. Em 13 de julho de 2001, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições criavam estratégias para dialogar, trocar ideias, aprender e pensar coletivamente o que naquele momento se nomeou como Homocultura (ABETH, 2006a, 2006b).

O conceito de cultura estava no centro das discussões nos primeiros eventos da associação e sempre esteve presente desde então. Os estudos compartilhados inicialmente passavam majoritariamente pelas áreas das Letras, da Comunicação Social, das Ciências Sociais, da Psicologia e da Educação, num momento de efervescência de produções que traziam marcas do que viriam a ser os Estudos Culturais Latino-Americanos, os Estudos Decoloniais e diferentes correntes de estudos Feministas, dentre outros. Ao longo deste um quarto de século, a ABETH passou a agregar pessoas pesquisadoras dos mais diversos campos de conhecimento e a REBEH tem refletido essa riqueza de discussões, temas, pautas e

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Email: [cdallapicula@hotmail.com](mailto:cdallapicula@hotmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0595-3236>

<sup>2</sup> Doutor em Serviço Social. Email: [marco.duarte@ufjf.br](mailto:marco.duarte@ufjf.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6395-1941>

<sup>3</sup> Doutor em Saúde Pública. Email: [pablo.roccon@fiocruz.br](mailto:pablo.roccon@fiocruz.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2696-5786>



propostas teóricas e metodológicas desde sua criação em 2017 e seu primeiro número publicado, em 2018.

Criar espaços para divulgação da produção de conhecimento sobre e por pessoas dissidentes das identidades de gênero e sexuais hegemônicas, pessoas intersexo, pessoas negras, pessoas indígenas, pessoas ciganas, pessoas com deficiência, pessoas neuroatípicas, pessoas que vivem mulheridades plurais e demais marcadores da diferença é um ato político. A divulgação dessas produções enfrenta os apagamentos e as marcas coloniais que a academia historicamente carregou e carrega em suas produções, que hegemonicamente tratam populações com baixo acesso à produção de conhecimento como objeto de pesquisa e não como sujeitas de suas vidas.

No campo da saúde, por exemplo, a emergência dessas produções dissidentes criou dados sobre as experiências trans e travestis que possibilitaram a demanda e conquista de serviços específicos no Sistema Único de Saúde (que ainda não contemplam todas as demandas da população). Assim também tem sido no atendimento a pessoas que vivem com HIV/AIDS. A produção de conhecimento implicada por e com essas populações permite a denúncia de violências e intervenção na realidade para ampliação e melhoria de serviços.

Reverberações similares são registradas em diferentes estudos nos campos da Educação, Serviço Social e Direito (dentre tantos outros), nos quais a produção de conhecimento em debates de gênero, sexualidades e étnico-raciais geraram mudanças em políticas públicas e legislações nas últimas décadas. Reativamente, neste mesmo período, grupos fascistas e eugenistas têm se organizado para ocupar espaços na academia e produzir discursos que atacam os estudos de gênero, sexualidades e étnico-raciais como estratégia de desqualificação das conquistas de direitos e políticas públicas que temos consolidado. Nas palavras de Leandro Colling,

talvez o fato de os movimentos, ativistas e/ou intelectuais do campo dos direitos humanos de pessoas negras e LGBTQIAPN+ terem avançado para além da macropolítica e começado a desenvolver estratégias da micropolítica, nos termos de Suely Rolnik (2018), tenha gerado uma tamanha desestabilização na produção de conhecimentos e na própria sociedade que fizeram emergir esses novos discursos críticos às identidades. (Colling, 2026, p. 246)

Esta é uma disputa epistêmica que revela a importância de veículos como a REBEH, que consolida novos modos de fazer e pensar o conhecimento enquanto se confirma como uma revista qualificada nas avaliações existentes, o que fortalece a

produção aqui divulgada. Essa consolidação da REBEH corrobora com a ressignificação dos limites que definem o que é e o que não é conhecimento acadêmico. Isso não significa um abandono ao rigor e ética, pelo contrário, nossos estudos contra hegemônicos só alcançaram as disputas nos espaços de poder por sua qualidade técnica. Simultaneamente, eles foram modificando fronteiras sobre o que se pode e como se pode produzir conhecimento. Como na arte que aparece na capa deste número, uma árvore do conhecimento representada por uma travesti preta que em sua copa traz velas, que nos lembram de celebrar cada avanço, temos já raízes e história que possibilitam novas ramificações nos estudos dos mais diversos campos científicos.

Assumimos a posição de continuar produzindo e divulgando uma ciência socialmente referenciada que amplia as possibilidades de vida e cria novos modos de fazer ciência. As ramificações dessa nova árvore do conhecimento trazem abordagens interseccionais e trans/inter/adisciplinares que permitem diálogos entre diferentes áreas do conhecimento, como no Dossiê "Produção de conhecimentos, verdades e subjetividades na interface entre currículos e saúde sexual" organizado pelos pesquisadores Dr. Danilo Araujo de Oliveira (UFMA), Dr. Tim Dean (UIUC), Dr. Anderson Ferrari (UFJF) e o Dr. Márcio Caetano (UFPeI). A riqueza de discussões neste dossiê demonstra a potência dos diálogos interseccionais e trans/inter/adisciplinares que têm produzido reverberações em nossas possibilidades de vida.

A emergência de discursos fascistas e eugenistas nos diversos âmbitos sociais, incluindo a academia, é, ao mesmo tempo, uma reação à ampliação dos direitos conquistados dos últimos anos e um desafio que precisaremos enfrentar. Como afirmou Bruna Irineu,

O amadurecimento editorial da revista também dependerá de as futuras gestões manterem aceso o compromisso com a socialização e a difusão do conhecimento coproduzido entre universidade, artistas e movimentos sociais. Tarefa que se torna ainda mais desafiadora em um contexto de corte ao financiamento das políticas de educação e de ciência e tecnologia. (Irineu, 2020, p. 26)

Ampliar e fortalecer nossos espaços de divulgação de conhecimento, nossas entidades representativas e nossas redes de colaboração são estratégias de sobrevivência que devemos aprender com as pessoas que fundaram a ABETH em 2001 e a REBEH em 2017. Naqueles dois momentos, elas não sabiam onde estaríamos hoje, mas apostaram que melhores se tivéssemos estratégias de

fortalecimento coletivo na produção de conhecimento que respeite a diferença.

Este número de 2026 da REBEH se constitui em um convite para produções socialmente implicadas com novos modos de existência e ampliação das possibilidades de vida através da produção de novos conhecimentos. Nesta edição, a REBEH se renova para enfrentar os novos desafios no mercado editorial, com nova logo, novo *layout* e novas diretrizes que visam fortalecer a qualidade e legitimidade das produções que compõem esta revista. Desejamos que os artigos aqui publicados provoquem o pensamento e respaldem intervenções na realidade, continuando a provocar deslocamentos sociais e ampliação do direito à diferença por mais 25 anos.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA TRANS-HOMOCULTURA. **Ata de criação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura**. 13 de junho de 2001. Universidade Federal Fluminense. Cartório do Sétimo Ofício de Notas, Belo Horizonte-MG, 2006a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA TRANS-HOMOCULTURA. **Ata da Assembléia Geral do III Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura - ABEH**. 06 de julho de 2006. Universidade Federal de Minas Gerais. Cartório do Sétimo Ofício de Notas, Belo Horizonte-MG, 2006b.

COLLING, Leandro. A emergência de novos discursos críticos às identidades: obras, pistas e hipóteses. **História Revista**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 230–252, 2026. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/83651>. Acesso em: 25 ago. 2026.

IRINEU, Bruna Andrade. 20 anos da ABEH: co-produções ativistas, acadêmicas e artísticas. In: IRINEU, Bruna Andrade et.al. **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes**. Salvador: Editora Devires, 2020.